

APRESENTAÇÃO

Daniel Moura (DDA/UFS)

Flávia Lopes Pacheco (PPGCULT/DSE/UFS)

Antes de qualquer apresentação, esta edição da Revista Trapiche traz uma homenagem póstuma ao querido professor do Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Culturas Populares (PPGCULT/UFS) e ator sergipano, Toni Edson. Sua partida repentina nos pegou de surpresa e deixou um bocado de saudade e tristeza em todos/as/es que o conheciam. A homenagem que aqui fazemos, a partir dos textos da professora Alexandra Dumas que o retrata em seu “corpo largo pra caber muitos abraços. Um riso farto pra nos mostrar o movimento dinâmico da vida, que mesmo com seus percalços, diz que a vale bem a pena gastá-la vivendo...”, e do professor Dênio Azevedo nos transportam à vida e à pessoa maravilhosa que “foi contar histórias em um palco com uma luz que se assemelhava a sua, uma estrela.”. A presença física de Toni vai fazer falta por muitos anos, mas a memória de sua vida e suas ações ficarão para sempre!

Toni Edson, presente!

Este número da Trapiche é sobre permanência. Sobreviver apesar das doenças do tempo e do tempo adoecido que vivemos à base de cortes de verbas e cerceamentos diversos nos nossos direitos e subjetividades. A pandemia tem nos mostrado uma série de fatos atordoantes em muitos setores das nossas vidas, sobreviver a tudo isso não tem sido uma tarefa fácil, muitos não resistiram, mas nós ainda estamos aqui. Nesse mar de lápides e de covas abertas ao ermo, tivemos que encontrar caminhos possíveis de sobrevivência e para a educação não foi diferente. Nos enterramos em nós mesmos numa tentativa desesperadora de vida e de permanência, e conosco nossas ferramentas de trabalho, conhecimento e esperança de algo que nem sabemos ainda o que é. Um novo tempo, talvez.

Alive significa uma sobrevivência midiática através das redes sociais e dos muitos mecanismos que fomos obrigadas a saber lidar de uma hora pra outra. Em algum momento a novidade parecia um sonho, uma pequena descontração no modo de lidar com os aparatos da informática e das redes sociais. No entanto, adoecemos na permanência insistente por adequação e necessidade de continuidade. Com as lives proliferamos conhecimento e ganhamos um tipo de cansaço que não era do convívio, mas do isolamento, e com isso tornamos as relações mediadas por filtros diversos que nem sempre se adequavam aos modos particulares e específicos de cada área de conhecimento, e assim, tivemos que reaprender não só a falar de modo adequado, como dançar sem contato, por exemplo.

O ensino da dança, lugar de onde posso falar com mais propriedade, se tornou uma corruptela daquilo que conhecemos como arte do movimento e do contato. Mesmo assim, foi possível descobrir nesse ato de corrompimento, algo que pudesse exprimir o espremido espaço de atuação em nossas casas na tentativa de mover. Nos movemos com dificuldade durante todo esse tempo, nos apertamos nos espaços divididos entre móveis, pessoas e animais querendo seguir desesperadamente rumo ao desconhecido e fomos encontrando as brechas, os micro espaços e os micro movimentos, reflexo dos nossos apertos, inclusive do aperto do coração.

Compartilhamos nesse período de ensino remoto, sobretudo, as dificuldades desse momento que ainda persiste, e estamos Alive, mas não a salvos. Seguimos na tentativa de produção científica, de conhecimento, na tentativa de fazer arte com o retorno da aulas presencias, e o retorno parece nos colocar de volta no lugar onde estávamos, com as mesmas dificuldades de manutenção do conhecimento, mas com uma preocupação a mais, ainda vivemos com o perigo no ar. Esperamos que com esse número da Revista Trapiche, possamos promover um novo ar mais respirável com as nossas produções na tentativa de levar para o mundo aquela esperança antes embaçada de novos dias. Aqui está uma pequena parte da expressão dos nossos apertos feitos com muito esforço e dedicação de todas nós que sobrevivemos e tentamos seguir no tempo presente.

O primeiro artigo apresentado no Dossiê, intitulado: Das Flores às Baobás: a Efemeridade do Teatro e das Redes Sociais em Tempos de Pandemia, que foi escrito por Michel Silva Guimarães e Mariah Gabriella Castilho Galvão tem como objetivo refletir sobre produções artísticas, com ênfase no teatro, sobretudo com a experiência do “Grupo Culturart”, realizadas no período de pandemia da Covid-19. O artigo traz uma reflexão sobre as lives e publicações do grupo nas redes sociais, a partir de uma análise sobre a modernidade e as relações líquidas de Zygmunt Bauman através da atuação dos clássicos infanto-juvenis O Pequeno Príncipe ([1943] 2009), de Saint-Exupéry, e O Pequeno Príncipe Preto (2020), de Rodrigo França. As distintas narrativas sobre o baobá em cada uma dessas histórias, leva-nos a ponderar sobre como a modernidade torna o processo produtivo algo adoecedor e o entendimento desta consciência da efemeridade das nossas existências (e das redes), nos leve a reconstruir laços e plantar sementes para a prática teatral.

O segundo artigo, Significar Cultura: Noções e Caminhos, de Leandro Santana da Silva, busca discutir possíveis caminhos e significados de cultura e suas relações com a formação social humana, na preservação da memória, afirmação e construção de identidades e territórios a partir da heterogeneidade cultural. Para isto, o autor analisa o festival Blitz Cultural, realizado pelo Grupo Teatral Boca de Cena (2014, 2015, 2019, 2020: com uma versão Live devido a pandemia da Covid-19) no bairro Bugio, em Aracaju-Sergipe. A partir das reflexões do trabalho desenvolvido pelo grupo, o autor entende que as ações da Blitz Cultural foram capazes de dar voz aos moradores do bairro Bugio e que a oralidade é foi a chave para a reinvenção cotidiana da cultura, tornando possível significar a cultura em defesa e protagonismo da população daquela localidade.

O último trabalho do dossiê é um resumo expandido intitulado Chão de Memórias: O Ofício do Artista-Educador na Criação de Mundos Possíveis, escrito por André Rosa e Samara Lupion, parte de questionamentos relacionados ao modo como estamos a habitar o chão do ofício de artista-educador/a/e-pesquisador/a/e nos dias atuais a partir da primeira temporada do Chão de Memórias, que se deu de forma virtual, devido à pandemia da Covid. A ação buscou acionar memórias pessoais e histórias culturais, as provocações foram feitas acerca dos saberes entre a arte e a educação, com o intuito de pensar coletivamente em estratégias e metodologias para que as rachaduras se façam nos chãos do nosso ofício, o que levou à criação de um inventário performático-pedagógico-digital em possíveis pedagogias da performance anticoloniais em arte e educação na plataforma You Tube, criando-se aí um espaço didático-artístico e de pesquisa para a pedagogia da performance e, ao mesmo tempo, de resistências, lutas e trocas que possibilitam ecoar a pluralidade dos corpos e metodologias que não cabem nas narrativas hegemônicas e colonizadoras.

Para além do dossiê, temos alguns trabalhos que foram aceitos em forma de fluxo contínuo e fazem parte deste volume da revista. O primeiro deles é o artigo escrito por Maria Tereza Chavier Ferreira e Márcia Cristina Baltazar, cujo título é Classe Teatral e Classe Artística de Sergipe: Um Olhar. Tem como objetivo fazer uma análise do perfil da classe artística sergipana a partir de dados coletados na plataforma do Mapa Cultural de Sergipe (<http://mapas.cultura.se.gov.br/>). As autoras fizeram um recorte das linguagens artísticas com os números mais expressivos de cadastros e, mais diretamente, relacionadas ao teatro e identificaram as áreas de atuação e a localização desses grupos de agentes culturais. Os resultados apontam que na capital do estado, que agentes culturais se organizam ou em grupos ou em produtoras/companhias teatrais, sendo coletivos com características de valorização de pesquisa de linguagens cênicas, bem como, de foco na comercialização de montagens para grandes e médios públicos e escolas. Enquanto no interior há uma presença de alguns grupos profissionais e muitos coletivos amadores de teatro. Ao final, elas alertam sobre a necessidade de união e organização representativa das classes artística e acadêmica das artes, a fim de reformular/atualizar o Plano Estadual de Cultura de Sergipe.

E, por fim, apresentamos a resenha de Véio – a Imaginação da Madeira, feita por Rosângela de Sousa Santos. A autora apresenta a sua percepção sobre o documentário dirigido por Adelina Pontual e trata da vida e obra de Cícero Alves dos Santos, o Véio, artista plástico sergipano, do município de Nossa Senhora da Glória. A partir da descrição da obra, a autora evidencia a importância do artista no imaginário popular, ao transformar a madeira em forma, com imaginação e criatividade através da técnica do entalhe. Dessa maneira recicla a matéria prima, preserva o meio ambiente e faz refletir as relações sociais e culturais vivenciadas pelo homem.

Desejamos a todos/as/es uma boa leitura!